

AS RAÍZES MARXISTAS DO PENSAMENTO SARTREANO: A QUESTÃO DA DIALÉTICA

MARXIST ROOTS OF SARTREAN THOUGHT: THE QUESTION OF DIALECTICS

Miriam Furquim de Oliveira¹
Joseane Polido Carlet de Lima¹
Ariane Maciel Staniszewski¹
Nadiana Maiara Bielak¹
Jorge Antonio Vieira²

OLIVEIRA, M. F; LIMA, J. P. C; STANISZEWSKI, A. M; BIELAK, N. M; VIEIRA, J. A. As raízes marxistas do pensamento sartreano: a questão da dialética. **Akrópolis** Umuarama, v. 18, n. 4, p. 291-297, out./dez. 2010.

RESUMO: Este artigo pretende desenvolver um estudo sobre alguns pontos da influência marxista na filosofia existencial de Sartre, especialmente em relação à dialética. Em primeiro lugar, Sartre diz que para o marxismo a liberdade é alcançada quando não existe ameaça externa sobre o indivíduo, mas de acordo com Sartre a visão de liberdade marxista nega a liberdade, por que reduz o homem em condição de 'coisa', compreendendo os indivíduos pela história como algo determinado. No entanto, a liberdade em sentido existencial é compreendida de modo diferente: a liberdade é a capacidade de fazer escolhas e aceitar as responsabilidades decorrentes'. O tópico dialética é um dos focos da reflexão sartreana, e de acordo com este filósofo, a visão marxista da dialética reduz a existência humana à condição de coisa por desconhecer a liberdade do projeto humano e atribuir ao homem o que é apenas leis do mundo material. O homem continua sendo controlado por forças exteriores por uma dialética cósmica, a qual impõe às ações humanas o sentido de fatalidade, e dessa maneira o futuro do homem viria de meios externos e não dele mesmo. Para Sartre o sentido da dialética se dá pela consciência. Desse modo, por intermédio deste breve estudo pode-se evidenciar que Sartre não se opõe a dialética marxista, porém a completa, afirmando o homem como ator e autor de sua própria história.

PALAVRAS-CHAVE: Dialética; Marxismo; Existencialismo; Práxis; Liberdade.

ABSTRACT: This paper aims to develop a survey about some points of Marxism influence in Sartrean existential philosophy, especially in relation to dialectics. At first place, Sartre says that for Marxism freedom is reached when there is not external pressure on individuality; but according to Sartre, Marxist vision about freedom negates freedom itself for it sees man as a "thing", comprehending individuality through history as something determined. On the contrary, freedom in existential meaning is comprehended differently: freedom is a capacity to do choices and to accept responsibility. The topic dialectic is one of the focus of Sartrean thought, and according to this philosopher, Marxist thought on dialectic sees human condition as a thing for not knowing the freedom of human projects and for attribute to man what is just laws of material

¹Acadêmicas do curso de Psicologia da Universidade Paranaense; participantes do Programa de Iniciação Científica.

²Doutor em Filosofia, docente do curso de Psicologia da Universidade Paranaense; orientador. E-mail: jvieira@unipar.br

world. Man continues being controlled by external forces, by a cosmic dialectics which imposes on human actions a fatal meaning, and in this way human future would come from external forces and not from man himself. For Sartre dialectics sense comes from conscience. Through this study we can evidence that Sartre does not oppose completely to Marxist dialectics, but completes this thought affirming man as the actor and author of his own History.

KEYWORDS: Dialectics; Marxism; Existentialism; Praxis; Freedom.

INTRODUÇÃO

Os temas coordenativos do pensamento existencialista sartreano podem ser elencados na seguinte sequência: o homem enquanto ser-em-situação, a necessidade de engajamento, a responsabilidade pessoal por todas as ações e projetos de vida, e a liberdade como raiz fundamental da pessoa humana.

As concepções filosóficas iniciais de Sartre sofreram transformações, à medida que o filósofo pretendeu colocar o seu existencialismo numa concepção mais ampla. Essas alterações nasceram da dinâmica do próprio existencialismo sartreano como filosofia aberta, e também do engajamento social e político de Sartre. O resultado destas alterações encontra-se em obras como “Questão de Método e “Crítica da Razão Dialética”, aparecidas em 1960³.

Nessas obras o problema principal colocado pelo filósofo é saber a possibilidade de fazer uma antropologia unitária, ou seja, uma compreensão do homem em termos estruturais e históricos. É nesse sentido, que Sartre nota no marxismo um saber sobre o homem, saber este que permite compreender as obras, os homens e os acontecimentos. Contudo, não é preocupação do filósofo se referir ao marxismo oficial, e tampouco revisar ou superar as obras de Marx; além disso, não pretender retomar o materialismo dialético e histórico simplesmente.

O marxismo interessa a Sartre, e é nesse sentido que o presente trabalho busca tratar a questão. Em que sentido o marxismo é interessante para Sartre? E por que é interessante? E por fim, como fica o existencialismo quando se insere dentro dele concepções marxistas? Essas são as perguntas que o desenvolvimento objetiva tratar.

1. Existencialismo e dialética

A base filosófica do marxismo é a dialética, esse termo já era utilizado pelos gregos para referir-se à lei do desenvolvimento das coisas. Perdigão (1995, p. 157) diz que “nada existe em repouso e fixidez eterna, nada permanece como é, dado de uma vez por todas na natureza, tudo flui e muda constantemente, e o mundo acha-se em um só processo de movimento, desenvolvimento e transformação contínuos.” Há um movimento universal, pois nos desfazemos daquilo que é velho para darmos espaço àquilo que é novo.

Segundo Perdigão (1995) a dialética clássica diz que nenhum fato pode ser visualizado isoladamente, sempre é preciso olhar o contexto em que o fato aconteceu. Os fenômenos são interligados, mas claro, ele pode ser visto separadamente do contexto, porém tal fato configura-se como privação de sentido. “As partes da realidade são pedaços de um todo e estão interligadas: há um agrupamento de coisas em que o sentido de cada parte só aparece por inteiro quando ela é vista em relação às outras partes e ao todo.” (PERDIGÃO, 1995, p. 158)

Assim, pode-se dizer também que tudo é contraditório, cada coisa tem o seu contrário. Cada contrário contém o outro como negação. A contradição constitui então a origem, a raiz de todo e qualquer movimento, pois ao nos deslocarmos para um lugar, ora um corpo que se move está e não está em um ponto da trajetória a ser percorrido. A contradição mostra-se como a propulsora de toda evolução. O movimento das coisas faz-se contradição que combatem entre si e se desenvolvem por esse conflito de opostos.

A dialética é o embate das forças contrárias. Perdigão (1995) cita:

[...] que um fenômeno ou afirmação (*tese*) suscita seu oposto ou negação (*antítese*); o confronto desses contrários resulta na *síntese*. Ou seja, as duas realidades anteriores formam uma terceira que as supera. Ocorre a *negação da negação*: a tese é negada pela antítese, e ambas são negadas pela síntese. Nessa superação, o que é superado não desaparece de todo, mas se conserva em parte, já agora em nível superior. A síntese supera, mas incorporando o superado: o novo estado

³Temas a tradução em português destes textos: SARTRE, J.P. *Crítica da razão dialética*: precedido por Questões de método. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

que surge abriga elementos do estado antigo. (PERDIGÃO, 1995, p. 158)

Segundo Perdigão (1995) o que se conclui é que essa síntese será a tese de um novo ciclo dialético a iniciar-se. O movimento dialético é uma linha em espiral, transforma a realidade anterior em uma nova realidade, a síntese que, como é um novo começo, será transformada em uma nova tese. A progressão dialética segue em uma trajetória ascendente, do inferior ao superior, do simples ao complexo, na medida em que novas contradições vão se formando.

Hegel apud Perdigão (1995) sistematizou o processo dialético primariamente, ele dizia que somente o vir a ser era real, porém, essa ideia foi aplicada apenas ao mundo espiritual, assim sua dialética era uma lei apenas de pensamentos e ideias. Perdigão (1995) coloca que Karl Marx, assimilando o processo dialético de Hegel, chegou a conclusão de que o método estava concebido de cabeça para baixo e que era necessário colocá-lo de pé. Marx apud Perdigão (1995) acreditava que o mundo exterior teria realidade concreta e independente, assim é importante viver na vida objetiva e não nas ideias abstratas. Ele aplicou a dialética para explicar o desenvolvimento da história, as ações e condições da existência real do homem.

Para Marx apud Perdigão (1995) a história evolui de acordo com certo movimento determinado pela lei das contradições. Por exemplo, o máximo do capitalismo (tese) provocaria sua própria decadência pela crise social e econômica (antítese), daí aparecendo o socialismo (síntese).

Dando continuidade a história da natureza e a história humana não se separam, se relacionam em comunhão uma com a outra. A natureza já existia antes da vinda do homem para a Terra, o mundo que nos cerca é rodeado pela natureza, porém, o homem a transforma, essa natureza é trabalhada pelo homem, é um produto das ações humanas.

Basicamente Marx apud Perdigão (1995) aplica a dialética no mundo real, não ao puro pensamento como fez Hegel. Marx apud Perdigão (1995) diz que a natureza já não é concebida sem o homem, por isso sua doutrina é designada como Materialismo Histórico.

De acordo com Perdigão (1995) o colaborador de Marx, Engels encarregou-se de engendrar um sistema filosófico que viria a ser

consagrado como Materialismo Dialético. Este se aplica a natureza pura sem nenhuma intervenção humana. Engels apud Perdigão (1995) impressionado com a nova teoria da evolução de Darwin, conjecturou a possibilidade de encerrar-se na natureza inanimada um dinamismo dialético autônomo.

O mundo material tem um auto-desenvolvimento, a realidade velha por contradições internas, cria condições para auto-destruição, criando assim, uma nova realidade. Nesse sentido, pode-se falar de uma semente de cevada, que cai e nega-se como semente, transformando-se em um novo pé de cevada e desse pé, nascem novas outras sementes, dessa vez, centenas que novamente recomeça a negação e a transformação, o mesmo acontece com a água, transformada em vapor e posteriormente novamente em água líquida, é um círculo de transformações.

Sartre apud Perdigão (1995) nega a legitimidade ao Materialismo Dialético, pois para ele não se pode compreender a dialética sem levar em conta conceitos, tais como, temporalidade, projeto, totalização-em-curso, negatividade, que só existem na esfera da consciência.

Sartre apud Perdigão (1995) ainda cogita que só pode haver a progressão do movimento no interior de um processo temporal comandado pelo futuro. É necessário que haja a totalização-em-curso para que um ciclo resulte em um novo ciclo como no caso da semente de cevada citada anteriormente.

[...] cada momento da atividade dialética é o momento não concluído da realização de uma totalidade futura. Uma vez atingida a totalidade em formação (ou seja, a síntese), abre-se automaticamente um novo fim futuro a alcançar. A totalidade não se completa nunca, está sempre por se fazer, em processo de ser constituída. (PERDIGÃO, 1995, p. 161)

Não há enriquecimento por sínteses sucessivas. Nesse sentido, não se pode falar em contradição dialética, pois não há temporalidade e nem possibilidades de negações exigidas pela contradição dialética porque a natureza é um Em-Si.

Apenas há negação e contradição dialética quando existir a consciência e a natureza não possui consciência de si mesma. É através da consciência que o homem trava o modelo dialético, a consciência é vazia e precisa do mundo,

assim como também o mundo precisa da consciência humana.

Conforme Perdigão (1995) a dialética vem ao mundo pelo Para-Si. Não que não existam no mundo do Em-Si antagonismo e síntese: a consciência humana não cria realidades objetivas, mas é ela que descobre nas mesmas, contradições. Na natureza não há totalização-em-curso, mas totalidades acabadas com a inércia do Em-Si.

A consciência humana é que descobre as contradições porque tem conhecimento de sucessivos movimentos de espirais. O Para-Si é nadificação, temporalidade, enquanto o Em-Si é incapaz de negações, desconhece qualquer transformação.

Perdigão (1995, p.163) cita:

Enfim, só a consciência está apta a estabelecer a existência de contradições e sínteses, fixando relações entre parcelas que se ignoram mutuamente: o ciclo dialético tese-antítese-síntese de objetos materiais não é reconhecido como tal pelo próprio ciclo, nem é uma propriedade contida intrinsecamente em cada parcela, mas apreendido pelo Para-Si enquanto totalização-em-curso.

Por fim, pode-se dizer que para que haja a dialética, é necessário que uma consciência entre em ação, pois sem o Para-Si, a natureza, como diz Perdigão (1995), é neutra, surdo-muda e somente a partir de uma intervenção humana é que a matéria pode assumir características dialéticas. Assim, a Dialética da Natureza é uma projeção no mundo objetivo de modelos válidos somente no interior da história humana.

Para Sartre apud Perdigão (1995) a dialética é um modo de ser da consciência e a maneira como a realidade humana modifica o mundo material e o mundo histórico. Sartre (apud PERDIGÃO, 1995) aceita o Materialismo Histórico de Marx, porém, para ele estudar a história humana não basta, não é ir suficientemente fundo na questão dialética.

2. Práxis e sociabilidade

Segundo Perdigão (1995) compreende-se o que é dialética porque temos intrínseca inteligência para isso. E isso acontece porque somos dialéticos. Portanto, se a dialética existe, devemos experimentá-la pelo simples fato de que somos ação prática, atividade totalizadora.

Denotando assim que antes de ser estudada a história, como fez Marx, a dialética deve ser pesquisada na razão humana.

Perdigão (1995) coloca que é a práxis do indivíduo que o leva a produzir sua vida, e assim fundamenta a história humana. A prática individual é a experiência original de toda dialética possível. A práxis significa que o homem executa uma ação que altera o estado de mundo atual, vai além de uma situação objetiva dada, objetivando uma nova condição prática idealizada no futuro. Para Sartre apud Perdigão (1995) sem homens vivos não há história, significando que só o homem inventa o seu campo de ação, dessa forma, o homem faz essa história todos os dias, por suas próprias mãos. É superando continuamente a sua condição pelo projeto.

Sartre apud Perdigão (1995) em sua Crítica da Razão Dialética, mostra que é a práxis individual, que constitui toda a ação grupal, crescendo as relações dialéticas do homem com a matéria e dos homens entre si não esquecendo o projeto individual, sua totalização-em-curso como propulsores do movimento histórico.

De acordo com Sartre apud Perdigão (1995) a única maneira que temos de compreender a realidade humana, é se raciocinarmos dialeticamente por meio da razão dialética. Em seguida, trás uma crítica, e chama de razão analítica a maneira como as ciências humanas estudam seu objeto, dizendo que o erro é levarem em foco apenas o mundo exterior que está submetido ao determinismo e as leis da inércia.

A razão analítica aplica-se ao Em-Si, já que trata de uma totalidade dada e finita. Assim, como o marxismo, o qual se propôs a examinar fatos já ocorridos. Diferente da razão dialética que busca a compreensão a partir do Para-Si e focaliza na ação projetiva e totalizadora do homem.

Os marxistas têm por objetivo explicar os processos sociais, no entanto, falham porque negligenciam o processo individual. Não há como compreender a sociedade sem o indivíduo, assim como é impossível elaborar uma teoria da mente sem o corpo. A dialética torna-se existente a partir das ações de cada ser humano.

Para o marxismo o que predomina é o passado, pensam no futuro visando uma nova constituição para a sociedade, o que causa muitos efeitos. O marxismo usa de verdades passadas preconcebidas e tenta adequá-las ao futuro. No entanto, a História não se ajusta a moldes

predeterminados, na verdade está em constante transformação é imprevisível, assim como, homem. O homem se nega a viver um futuro prefixado, recusa-se a continuar na condição atual, o homem anseia um outro futuro.

Se a condição humana fosse determinada nenhuma dialética teria fundamento. Assim cada ser humano estabelece um projeto e vivencia um outro estado de mundo. Cada um possui sua singularidade, ao agir sabe que objetivo deve alcançar, e age dessa e não daquela maneira, ultrapassa esse e não aquele obstáculo toma certas decisões e não outras.

É importante mencionar que o modo de ação humana enfrentará a condição material, lembrando que a liberdade é sempre liberdade situada. Sartre apud Perdigão (1995) diz que é impossível vislumbrar um novo conjunto social se o homem estivesse submetido a uma realidade passada, determinada por dados exteriores.

De acordo com Perdigão (1995) no marxismo analítico, o homem é um produto passivo, totalmente controlado por circunstâncias passadas e exteriores e constitui-se por reflexos condicionados por meio de estímulos dados anteriormente. Marx apud Perdigão (1995) acredita que o homem está determinado pelas condições sócioeconômicas afirmadas no passado, para esse autor os homens criam sua história de acordo com as circunstâncias transmitidas pelo passado. Os marxistas vêem o ser humano como produto passivo das circunstâncias exteriores e anteriores, um objeto inerte criado pela história.

Marx apud Perdigão (1995) lutou contra o materialismo mecanicista que tudo reduz a objetividade, mas pôde-se perceber uma posição ambígua do mesmo, que ora defendia o papel do subjetivo, ora causava uma supressão na participação do sujeito no processo histórico. Por um lado Marx apud Perdigão (1995) afirmava que a história é produto exclusivo do homem, e por outro lado, segundo ele não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas é o seu ser social que determina a sua consciência; estabelecia o primado da matéria sobre a consciência.

Marx apud Perdigão (1995) encontrou barreiras apresentadas pelos psicólogos materialistas do século XIX, para o russo Ivan Sechenov apud Perdigão (1995) a vida psíquica era produto de um órgão material, o cérebro funciona por intermédio da ação do mundo exterior sobre os órgãos dos sentidos. Já Pavlov apud Perdi-

gão (1995) que era discípulo de Sechenov, criou a teoria da consciência como reflexo do mundo exterior, considerando o pensamento como propriedade da matéria, para ele a atividade psíquica é resultado da atividade fisiológica de uma massa determinada da substância cerebral. Os marxistas aderiram a essa teoria pavloviana que reduz o homem a uma máquina de reflexos condicionados. Lênin apud Perdigão (1995) deduziu que os conceitos são os mais elevados produtos do cérebro, sendo o cérebro o produto mais elevado da matéria.

A teoria do reflexo originou uma interpretação vaga sobre o papel do homem no processo histórico. Para o marxismo o homem aparece na maioria das vezes como uma soma de reflexos condicionados, um objeto inerte, que mesmo assim consegue mudar a sociedade e o mundo. Se pelo contrário não queremos ter a concepção da História humana como inerte, mas como uma atividade em andamento precisamos usar o pensamento dialético que somos, sendo a razão humana dialética, podemos conhecer dialeticamente as ações humanas, assim como aplicar relações dialéticas, nas quais as mesmas são inexistentes, ou seja, no mundo objetivo.

A razão analítica trata os elementos de forma inerte e isolada, um tipo de pensamento parcial, um conhecimento retalhado, já para razão dialética o sentido de cada parte só aparece quando unida ao todo e o sentido do todo surge quando visto em relação a cada parte. Para Sartre apud Perdigão (1995) o pensamento dialético não se opõe ao pensamento analítico, haja vista que tal pensamento encerra vários momentos analíticos, na descrição dialética de uma realidade; é necessário inicialmente isolar cada elemento e analisá-lo, para em seguida relacioná-lo aos outros para enfim relacionar todas as partes ao conjunto que pertencem, é exatamente o que faz a razão dialética, utiliza o pensamento analítico, é o controle da análise de um todo, realizando dessa forma uma síntese da série de pensamentos analíticos.

O pensamento dialético sendo visto a partir de um fenômeno estudado é capaz de captar o todo de um ponto de vista positivo, bem como de um ponto de vista negativo, dessa forma captamos as relações positivas e negativas de cada parte com as outras partes e com o todo. É nesse movimento que compreende-se a dialética.

De acordo com Perdigão (1995) Sartre uniu o existencialismo a doutrina de Marx, fa-

zendo a junção do histórico ao subjetivo. O mesmo autor diz que o existencialismo considera o homem por meio de sua história de vida e em todos os meios em que vive. Enquanto o marxismo submergiu o homem em uma ideia geral, a qual tem a mesma interpretação para qualquer indivíduo, esclarecem todo acontecimento pelo mesmo prisma.

Para Perdigão (1995) Sartre usa do método progressivo-regressivo para compreender as ações do indivíduo: “Regressivo porque regride a existência particular de um indivíduo, uma época, um grupo, um sistema cultural e social específico. Progressivo, porque coloca o indivíduo ou o grupo no impulso do movimento histórico globalizante”. (p.178)

O mesmo autor diz que a crítica de Sartre não é sobre o marxismo, mas sim em nome do que este deveria ser. Perdigão (1995) menciona que Sartre adicionou ao marxismo uma visão filosófica não idealista da liberdade humana. O mesmo autor diz que para o marxismo a liberdade é alcançada quando não existe ameaça externa sobre o indivíduo.

De acordo com Perdigão (1995) para Sartre a visão de liberdade marxista nega a liberdade, por que reduz o homem em condição de ‘coisa’ (p. 179) explicando os indivíduos pela história como algo determinado.

Ainda Perdigão (1995) diz que para Sartre a liberdade é vista diferente: ‘a liberdade é a capacidade de fazer escolhas e aceitar as responsabilidades decorrentes’ (p. 179). Assim, para o mesmo autor, Sartre faz o oposto, a partir da subjetividade do indivíduo explicando sua história por meio da ação até atingir à síntese de ambas.

Os marxistas eliminam a subjetividade contemplando o mundo como ele é sem adições, ao mesmo tempo em que se eliminam como sujeito, pretendem ser ativos observando a natureza e passando por um processo de subjetividade.

Apesar dos marxistas terem enterrado e abolido a subjetividade, desconhecer a liberdade do projeto humano e atribuir ao homem o que é apenas leis do mundo material, eles sempre oferecem sua própria concepção subjetiva da realidade, sendo que o movimento dialético é um espiral que vai crescendo e transformando a realidade anterior em uma realidade nova.

A dialética ganha uma grande dimensão de leis e de forças metafísicas que abarcam pes-

soas e coisas e toda sua realidade. O homem continua sendo controlado por forças exteriores, por uma dialética cósmica, significando todo um movimento estabelecido que se impõe as ações humanas, quando a dialética da natureza fica sem sentido para a história humana, esta se torna uma fatalidade divina que produz o processo histórico por si mesma, não passando de um encadeamento de fatos já escrito para toda a eternidade, dessa maneira o futuro do homem viria de meios externos e não de si mesmo.

Essa confiança dos marxistas na dialética não passa de um medo de reconhecer a própria liberdade de ser e agir, projetando um modelo dialético para a natureza; e esta corresponde ao respectivo modelo. Nesta dialética tudo está seguro, é só esperar acontecer sem participação, mas a vida é feita de possibilidades e não de certeza. Como diz Sartre apud Perdigão (1995) pouco interessa se a natureza é dialética, pois o sentido pela dialética se dá pela consciência, já que é por intermédio dela que o homem trava a questão da dialética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Sartre (2002), o marxismo submergiu o homem em uma ideia geral, que tem a mesma interpretação para qualquer indivíduo, esclarecem todo acontecimento pelo mesmo prisma; já Sartre une o existencialismo a doutrina de Marx, fazendo a junção do histórico ao subjetivo. O mesmo autor diz que o existencialismo considera o homem por meio de sua história de vida e em todos os meios em que vive.

A crítica de Sartre não é sobre o marxismo, mas sim em nome do que este deveria ser. Sartre (2002) adicionou ao marxismo uma visão filosófica não idealista da liberdade humana. O mesmo autor (2002) diz que para o marxismo a liberdade é alcançada quando não existe ameaça externa sobre o indivíduo. De acordo com Perdigão (1995) para Sartre a visão de liberdade marxista nega a liberdade, porque reduz o homem em condição de ‘coisa’ (p. 179) explicando os indivíduos pela história como algo determinado. Ainda Perdigão (1995) diz que para Sartre a liberdade é vista diferente: ‘a liberdade é a capacidade de fazer escolhas e aceitar as responsabilidades decorrentes’ (p. 179). Apesar dos marxistas terem enterrado e abolido a subjetividade, desconhecer a liberdade do projeto hu-

mano e atribuir ao homem o que é apenas leis do mundo material, eles sempre oferecem sua própria concepção subjetiva da realidade, sendo que o movimento dialético é um espiral, o qual vai crescendo e transformando a realidade anterior em uma realidade nova. A dialética ganha uma grande dimensão de leis e de forças metafísicas, e abarcam pessoas e coisas e toda sua realidade. O homem continua sendo controlado por forças exteriores por uma dialética cósmica, significando todo um movimento estabelecido que se impõe as ações humanas, quando a dialética da natureza fica sem sentido para a história humana, esta se torna uma fatalidade divina que produz o processo histórico por si mesma, não passando de um encadeamento de fatos já escrito para toda a eternidade. Nessa maneira, o futuro do homem viria de meios externos e não de si mesmo. Essa confiança dos marxistas na dialética não passa de um medo de reconhecer a própria liberdade de ser e agir, projetando um modelo dialético para a natureza e esta corresponde ao respectivo modelo. Nesta dialética tudo está seguro, é só esperar acontecer sem participação, mas a vida é feita de possibilidades e não de certezas.

Sartre (2002) diz que pouco interessa se a natureza é dialética, pois o sentido da mesma se dá pela consciência, já que é por meio dela que o homem trava a questão da dialética. Desse modo, no presente breve estudo pode-se evidenciar que Sartre não se opõe a dialética marxista, porém, corrobora, tirando o homem da passividade e inserindo-o como ator e autor de sua própria história.

dos conjuntos práticos. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

REFERÊNCIAS

BETTONI, R. A. A formação dos grupos sociais em Sartre. **Revista Eletrônica**, São João del Rei, n. 4, p. 67-75, jul. 2002. Disponível em: <[http://www.funrei.br/publicações/ Metavnoia](http://www.funrei.br/publicações/Metavnoia)>. Acesso em: 17 abr. 2010.

BURSTOW, B. A filosofia sartreana como fundamento da educação. **Educação e Sociedade**, n. 70, abr. 2000.

PERDIGÃO, P. **Existência e liberdade**: uma introdução a filosofia de Sartre. Porto Alegre: L&PM, 1995.

SARTRE, J. P. **Crítica da razão dialética**: teoria

ARQUIVOS DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DA UNIPAR

ISSN 1415-076X



- Publica trabalhos inéditos nas áreas das Ciências Biomédicas e da Saúde.
- Periodicidade: Quadrimestral
- e-mail: arqsaude@unipar.br
<http://revistas.unipar.br/saude>

O CONHECIMENTO NÃO É NADA SE NÃO FOR COMPARTILHADO

